



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura

JOELMA CRISTINA SILVA MOREIRA STELLA

EU QUE NÃO SEI NADAR
O documentário performance e o registro da memória não linear

Salvador 2023.2

JOELMA CRISTINA SILVA MOREIRA STELLA

EU QUE NÃO SEI NADAR

O documentário performance e o registro da memória não linear

Memorial do trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientação: Prof. Dr. Marcos de Oliveira Carvalho

Examinador 1: Dr. José Roberto Severino

Examinador 2: Dr. Marcelo R. S. Ribeiro

Salvador

2023.2

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Stella, Joelma Cristina Silva Moreira.

Eu que não sei nadar: o documentário performance e o registro da memória não linear / Joelma Cristina Silva Moreira Stella. - 2023.

40 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Oliveira Carvalho.

Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2023.

1. Documentário (Cinema). 2. Identidade social na arte. 3. Memória na arte. 4. Performance (Arte).
I. Carvalho, Marcos Oliveira. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. III. Título.

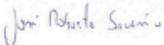
CDD - 791.43

CDU - 791.43

Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ***Eu Que Não Sei Nadar***, de autoria de **Joelma Cristina Silva Moreira Stella**, sob orientação de **Marcos Oliveira de Carvalho**, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por **José Roberto Severino** e **Marcelo R. S. Ribeiro**.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10,0	
Examinador(a) 2	10,0	
Orientador(a)	10,0	

Média final (valor numérico): 10,0

Média final (por extenso): Dez

“Minha mãe me deu um rio.
Era dia de meu aniversário e ela não sabia
o que me presentear.
Fazia tempo que os mascates não
passavam naquele lugar esquecido.
Se o mascate passasse a minha mãe
compraria rapadura
ou bolachinhas para me dar.
Mas como não passara o mascate,
minha mãe me deu um rio.
Era o mesmo rio que passava atrás de casa.
Eu estimei o presente mais do que fosse
uma rapadura do mascate.”
Manoel de Barros

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao rio São Francisco, por existir nesse mundo e por me permitir atravessar a minha curta existência com a sua imensidão. Agradecer aos meus ancestrais, meus avós, minha mãe e aqueles que eu não conheci, ao meu filho Caetano. Agradeço especialmente a meu grande amigo Ricardo Araujo, pelo cuidado e delicadeza ao editar o documentário, produto associado a este memorial, e por sempre estar ao meu lado. A Roberta Mutti pela amizade e acolhimento. Agradeço também ao meu orientador Marcos Carvalho pela paciência, parceria e gentileza ao longo desse processo.

Dedico este trabalho especialmente à memória da minha avó, Marcelina Angélica.

RESUMO

O presente trabalho é o registro memorial do processo de construção do curta documental “Eu que Não sei Nadar” realizado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação e Cultura. Ao longo do documentário busco refletir sobre a relação entre humano e não humano, através da minha relação pessoal com o rio São Francisco e com o mar. Parto das minhas memórias e do meu acervo pessoal de imagens e sons, captados ao longo dos anos. A maioria das imagens é minha, o filme também é composto de registros feitos por familiares e amigos. Ao longo do texto procuro revisar os conceitos de memória, identidade e patrimônio ambiental, em diálogo com o subgênero documental escolhido para esse trabalho: o documentário performático.

Palavras-chave: memória, audiovisual, documentário, patrimônio ambiental

LISTA DE FIGURAS

1. Figura 01 - Línguas desatadas (1989)_____ p. 13
2. Figura 02 - Homenagem a Bontoc (1995)_____ p.13
3. Figura 03 - Cena do documentário Elena, 2012. _____ p.17
4. Figura 04 - Igreja de Santo Antônio na cena final de Narradores de Javé, 2003 _____ p.18
5. Figura 05 - Cena do videoclipe Notícias de Salvador de Luedji Luna, 2018 _____ p.20
6. Figura 06 - Ribeirinhos saindo de barco, através da tela de proteção _____ p.20
7. Figura 07 - Caetano na descida para o rio na lateral da nossa casa, _____ p.22
8. Figura 08 - Imagem de composição, três vídeos verticais, _____ p.23
9. Figura 09 - Minha mãe e eu na década de noventa _____ p. 23
10. Figura 10 - Nossa casa vista do rio São Francisco _____ p. 24
11. Figura 11 - Caetano sentado em uma embarcação ancorada no rio _____ p. 24
12. Figura 12 - Verso de fotografia datada da década de oitenta _____ p. 25
13. Figura 13 - Fotografias da minha família distribuídas na parede da casa _____ p. 25

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	p.06
2. TERRITÓRIO E MEMÓRIA	p.07
3.PATRIMÔNIO AMBIENTAL	p.09
4. DOCUMENTÁRIO PERFORMÁTICO	p.12
5. A ÁGUA DOCE, A SALGADA E EU	p.14
6.PRODUTO FINAL	p.17
6.1 ESCOLHAS NARRATIVAS	p.19
6.2 PLANO DE PRODUÇÃO	p.26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.28
REFERÊNCIAS	p.29
APÊNDICES	p.30

1 INTRODUÇÃO

Eu Que Não Sei Nadar, é um documentário construído a partir de imagens de arquivo pessoal, que registram memórias que carrego sobre mim e a minha família conduzidas pela água. Escolhi esse fio condutor porque minha família está sempre com o pé na água, e sou a única que não sabe nadar. Fui criada pela minha família materna. Meu avô era filho de pescadores e cresceu na beira do rio, na cidade de Registro, no Vale do Ribeira, em São Paulo. A região recebe esse nome devido a bacia do rio Ribeira, que faz a divisa entre São Paulo e Paraná e compreende vinte municípios. Minha avó nasceu em Santos, cidade litorânea de São Paulo, que é o maior porto do país. Ela era filha de um cozinheiro que trabalhava no porto e passava os dias na praia, nadando. Minha mãe nasceu em São Vicente, a primeira vila do Brasil, também no litoral paulistano. Eu nasci em Santo André, no ABC paulista, entre fábricas e movimento sindical, bem longe da água.

Quando eu tinha catorze anos, minha mãe mudou para Sítio do Mato, cidade ribeirinha do oeste da Bahia, onde ela havia morado vinte anos antes a trabalho. Ela viveu lá por dois anos, depois foi morar em Tucuruí (PA), para construir uma hidrelétrica, e correu mundo até resolver voltar definitivamente para a Bahia. Eu já conhecia Sítio do Mato das viagens de férias, e a minha maior memória da cidade sempre foi o Rio São Francisco, minha água favorita em toda essa história. Nele eu me sinto confortável de me sentir frágil dentro da água, essa imensidão misteriosa. Isso é uma coisa que nunca consegui no mar, principalmente depois de um quase afogamento na praia de Santos quando era criança.

O projeto do documentário performático surgiu como uma tentativa de compreender como as memórias da minha família me atravessam, e como elas são também atravessadas pelas memórias da água. Depois a ideia se expandiu, quando eu percebi que eram essas memórias que me levavam a pautar questões ambientais na maioria dos meus trabalhos profissionais, e em alguns acadêmicos. Por isso, para o trabalho de conclusão da graduação optei por mergulhar em um tema que tem chamado cada vez mais a minha atenção: o patrimônio ambiental. Reflito sobre ele especialmente em diálogo com conceitos de território, memória e identidade.

2 TERRITÓRIO E MEMÓRIA

Em certa medida é possível dizer que a nossa memória se constitui da nossa relação com o território e com as pessoas. Podemos imaginar que existe uma “memória pessoal” que busca dar sentido à nossa existência individual, mas que surge de uma “memória coletiva”, resultado do trânsito do nosso corpo pelo mundo. Compreendo aqui o conceito de “memória coletiva” a partir da perspectiva cunhada por Maurice Halbwachs (1968), que me parece mais adequada para o exercício de pensar através de perspectiva linear do tempo e da memória que tento trabalhar neste trabalho. O compartilhamento de memórias influencia nossa subjetividade e comportamento. Jean Duvignaud (1990) vai explicar a noção de memória em Halbwachs da seguinte forma:

Maurice Halbwachs evoca o depoimento, que não tem sentido senão em relação a um grupo do qual faz parte, pois supõe um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam. Isto quer dizer que o "eu" e sua duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos vivos e materiais da lembrança, aquela que reconstrói aquilo que não é mais se não do passado. Que seria desse "eu", senão fizesse parte de uma "comunidade afetiva" de um "meio efervescente", do qual tenta se afastar no momento em que ele se "recorda"? (DUVIGNAUD apud HALBWACHS, 1990, p. 8)

Assim, partindo do conceito de memória coletiva de Halbwachs, busco pensar a influência da relação afetiva que estabelecemos com as pessoas e com os lugares, e como ela constrói a nossa memória, incluindo a memória corporal, que se manifesta em gestos e hábitos naturalizados na nossa rotina e nos nossos corpos. Para Martins (2023) o que no corpo e na voz se repete é uma episteme. Uma memória transmitida geracionalmente, muitas vezes a partir da oralidade e da repetição de movimentos e saberes.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990 p.16)

Para tanto nossas memórias podem ser compreendidas como um universo de significações coletivas, no qual as experiências cotidianas que inscrevem os indivíduos e os grupos no caos são reportadas a uma ordem imutável, necessária e pré-existente aos grupos e indivíduos (LÉGER apud CANDAU, 2021 p. 121), essa significação coletiva interfere diretamente na formação da identidade dos indivíduos, que compartilham dessa memória, mas que a interpretam e transmitem a partir da sua perspectiva. Para Candau memória

coletiva é uma alegoria criada para valorizar identidades locais, uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo (CANDAU, 2021 p.24). Isso se constitui a partir da valorização de determinados aspectos de uma sociedade, em detrimento de outros.

Nesse processo de construção de identidade atrelado a ideia de memória coletiva, observa-se o impacto da noção de pertencimento identitário, do vínculo com um grupo ou lugar, na construção da auto imagem e também na auto estima dos indivíduos. Por isso a importância do sentido de pertencimento – que pode ser entendido com o significado de “sítio simbólico de pertencimento” (ZAOUAL apud SPAREMBERGER, 2013 p.134). Ainda segundo Raquel Sparemberger, ao analisar o conceito de Zaoual:

O sítio é uma pátria imaginária, uma entidade imaterial, que impregna os comportamentos individuais e coletivos e todas as manifestações materiais de um dado lugar. É um espaço, constituindo um patrimônio coletivo, do qual o homem necessita, representando seu lugar de encontro e ancoragem (ZAOUAL apud SPAREMBERGER, 2013 p.134)

Para Duvignaud (1949), em seu prefácio para Halbwachs, a rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. (DUVIGNAUD apud HALBWACHS, 1990, p. 06). Se determinada circunstância social não nos impacta como impactou outras pessoas envolvidas, possivelmente nos esqueceremos desse momento, ou guardaremos lembranças fracas, quando comparadas às daqueles que foram efetivamente impactados pelas circunstâncias, sejam elas positivas ou não.

Já para Joël Candau (2021), em seu livro Memória e Identidade, as noções de “identidade” e “memória” são ambíguas, por serem subsumidas no termo representações, como estado (identidade) e faculdade (memória). (CANDAU, 2021, p. 21), ele propõe então que nos atentemos à antropologia da memória, para analisar a forma como ela se manifesta, e pontua que o que ficou estabelecido por Halbwachs como memória coletiva. Já a identidade pode vir de uma instância administrativa (RG), ou de uma representação: eu tenho uma ideia de quem sou, e um conceito (CANDAU, 2021, p.25). Sendo assim, talvez a ideia que fazemos de nós mesmos, nossa identidade, seja resultado das nossas memórias, lembranças e esquecimentos, que se constroem a partir da interação com os sujeitos, e com o mundo.

3. PATRIMÔNIO AMBIENTAL

O patrimônio ambiental, em linhas gerais, pode ser compreendido como o conjunto de bens naturais dentro do território, que deve ser preservado devido a sua relevância para o equilíbrio ecológico e econômico do país. No Brasil, a biodiversidade sempre foi um fator delimitante da nossa identidade nacional, desde os primórdios da invasão européia. A tentativa de criar uma unidade nacional identitária, a partir da valorização das riquezas ambientais, é de todo modo contraditória. Se pensarmos na multiplicidade de identidades culturais que compõem a população brasileira, podemos concluir que não há unidade identitária no país. Gilmar Arruda (2006) reflete sobre essa falsa unidade nacional harmoniosa ancorada na natureza:

Se a natureza fora a base da formação da identidade nacional chegando-se mesmo a negar a ação humana, a discussão sobre um “patrimônio ambiental brasileiro” pode enredar-se nos fios dessa construção das identidades ou culturas nacionais. Esses processos nunca são pacíficos ou harmoniosos e sim resultados de conflitos e lutas em torno de uma representação entendida como a “única”. (ARRUDA, 2006, p. 6)

Essa perspectiva de patrimônio ambiental vinculada a uma identidade universal brasileira é em certa medida resultado do processo predatório de relação com a natureza estabelecido pelos colonizadores portugueses, que viam nessa riqueza uma oportunidade de exploração econômica em favor do próprio enriquecimento. Esse padrão predatório na relação com o ambiente ainda é presente na sociedade brasileira, e se fortalece na indústria do agronegócio, que desmata indiscriminadamente, e invade terras indígenas, para ampliar sua produção em larga escala.

Em 2022 o Brasil apareceu como o quarto maior produtor¹ de alimentos agrícolas do mundo, ficando atrás de China, Estados Unidos e Índia. É também o maior exportador líquido de alimentos do mundo. Segundo reportagem da Folha de São Paulo,² em agosto de 2022 o acumulado de 12 meses já atingia R \$716 bilhões. Ao mesmo tempo, o país bateu recordes de pobreza. De acordo com pesquisa da Fundação Getúlio Vargas³, em 2021 63 milhões de

¹ Link para revista Só Científica : <https://societificacom.br/paises-que-mais-produzem-alimentos/> acesso em 03/11/22.

² Link para matéria da Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vaivem/2022/08/lider-mundial-nas-exportacoes-liquidadas-de-alimentos-parte-do-brasil-passa-fome.shtml> Acesso em 03/11/22.

³ Link para matéria do G1 com dados da pesquisa: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/29/numero-de-pessoas-em-situacao-de-pobreza-no-brasil-bate-recorde-mostra-pesquisa.ghtml> Acesso em: 03/11/22.

peças viviam em domicílios com renda média mensal de R\$497 reais por pessoa. Todo esse processo de exploração do meio ambiente, que gera produto de exportação e lucro para poucos enquanto a fome se alastra, é a reverberação de séculos de uma relação predatória e colonial com o meio ambiente que é representa nosso maior patrimônio, e portanto nossa identidade nacional.

Na contramão da abordagem nacionalista, alguns teóricos como Gilmar Arruda (2006) defendem que o patrimônio ambiental rompe fronteiras geográficas, pois se espalha para além dos territórios estabelecidos pela humanidade, e conseqüentemente rompe também com a sua associação a qualquer tipo de identitarismo nacional. Essa abordagem abre espaço para pensarmos a relação humana com o ambiente por perspectivas menos predatórias, onde o sujeito humano está integrado à natureza e não acima dela. Ailton Krenak (2019) aprofunda a reflexão sobre a noção de patrimônio ambiental consolidada no ocidente, ao questionar a necessidade de justificar de uma perspectiva utilitarista, a relevância de determinado bioma que justifique a sua preservação:

Quando a gente quis criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil, foi preciso justificar para a Unesco porque era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração. Para essa instituição, é como se bastasse manter apenas alguns lugares como amostra grátis da Terra. Se sobrevivermos, vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu, e os nossos netos ou tataranetos, vão poder passear para ver como a Terra era no passado. (KRENAK, 2019, p.12)

Ele destaca em seguida a necessidade das pessoas terem vínculos profundos com sua memória ancestral, como referências que dão sustentação a uma identidade (KRENAK, 2019, p.14). Segundo o autor, a falta de vínculo com a memória ancestral e com o meio ambiente, está alicerçada na relação predatória e descolada do humano com a natureza. Autores como Krenak compreendem a natureza como um ser vivo e movente. Rios, lobos e montanhas, todos teriam vida e humores tanto quanto nós humanos. Deveríamos portanto deixar de ter uma relação distante, para tentar manter uma relação dialógica e integrada com o meio ambiente.

Bershinhan observa essa relação do humano integrado ao ambiente em seu artigo: *O comum mais-que-humano: do comum à comunalização* (2018), no qual discorre sobre a dinâmica dos pescadores de lagosta na costa da Irlanda, e como eles se relacionam com a natureza de modo a preservar a população de lagostas e a própria comunidade de pescadores. Há na comunidade uma relação de codependência e coletivismo naturalizado que preserva o ambiente. Um pano de fundo social e material que é usualmente reconhecido e valorizado

apenas após o seu desaparecimento. (BERSNIHAN, 2018). Essa percepção de codependência entre humano e natureza pode ser um caminho para pensar o patrimônio ambiental para além de uma perspectiva identitária e nacionalista, mas como algo que em certa medida ultrapassa essas fronteiras por interferir no equilíbrio ambiental em nível global.

Segundo levantamento da Organização das Nações Unidas⁴, tendo como base o ano de 2021, quatro indicadores de mudança climática bateram recordes indesejáveis no referido ano, e contribuíram para o agravamento da crise climática global. São eles: concentração de gases do efeito estufa, aumento do nível médio do mar e da temperatura dos oceanos, e aumento do buraco na camada de ozônio sobre a Antártida. Em declaração, o Secretário Geral da ONU, Antonio Gutierres, advertiu que o mundo se aproxima cada vez mais de uma catástrofe climática. O debate sobre as consequências da crise climática na vida humana tem contribuído para diluir ainda mais as fronteiras territoriais quando se trata de patrimônio ambiental.

As noções de patrimônio histórico, arquitetônico e cultural remetiam sempre a uma cultura e um passado comum, legitimado/legitimador da existência do estado nacional soberano. Já ao referir-se a um patrimônio ambiental, os limites possíveis de sua circunscrição espaço-temporal podem facilmente ultrapassar as fronteiras nacionais, dada a interdependência dos ecossistemas em termos planetários. Se o fenômeno da globalização parece colocar em suspenso as soberanias dos estados-nacionais, a efetiva proteção do patrimônio ambiental parece também ultrapassar estes mesmos limites. A preservação e proteção do único suporte de identidade comum ao ser humano, o ambiente terrestre, talvez exija a superação do “chão da nossa história”. (ARRUDA, 2006, p.14)

No contexto atual, nós talvez precisemos encontrar formas alternativas de feitura do mundo que cultivem o “poder com” ao invés do “poder sobre” o mundo mais-que-humano (BELLACASA, apud BERSNIHAN, p.161). Para alcançar essa nova perspectiva, com relação ao patrimônio ambiental, é necessário pensar a nossa experiência coletiva como humanos e com o mundo.

Devemos portanto pensar o patrimônio ambiental de uma perspectiva decolonial, que já tem sido empregada por muitos teóricos que tratam do patrimônio material e imaterial, buscando romper com o modelo eurocêntrico e classista de patrimônio. Um bom exemplo de de-colonialidade nos estudos patrimoniais brasileiros é a historiadora e professora da

⁴ Link para matéria na Carta Capital : <https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/onu-indicadores-cruciais-da-mudanca-climatica-bateram-recordes-em-2021/> Acesso em: 03/11/22.

Universidade Federal do Rio de Janeiro Márcia Chuva, que discute o patrimônio como um campo de disputa material e simbólico sobre representatividade e direitos:

Por isso mesmo, patrimônio não é um dado, é uma conquista, é um direito. Como apontado por Ulpiano Meneses, os valores são atributos históricos, se transformam e devem ser pensados em um campo de lutas por direitos conquistados através do patrimônio e/ou um campo de lutas por direito ao patrimônio. Nessa concepção, há mudanças conceituais estruturais que, no meu entender, promovem rupturas com a colonialidade do saber e uma virada decolonial. (CHUVA, 2017, p.29)

Para a escrita deste memorial e concepção do documentário, parto dessa abordagem decolonial de patrimônio ambiental, junto com os tensionamentos sobre território de Arruda, para tentar construir uma narrativa não linear, que ilustre a necessidade de um equilíbrio entre humano e não humano e a co-dependência implicada nessa relação. Busco construir simbolicamente essa narrativa a partir das minhas memórias afetivas, e do meu acervo pessoal de imagens.

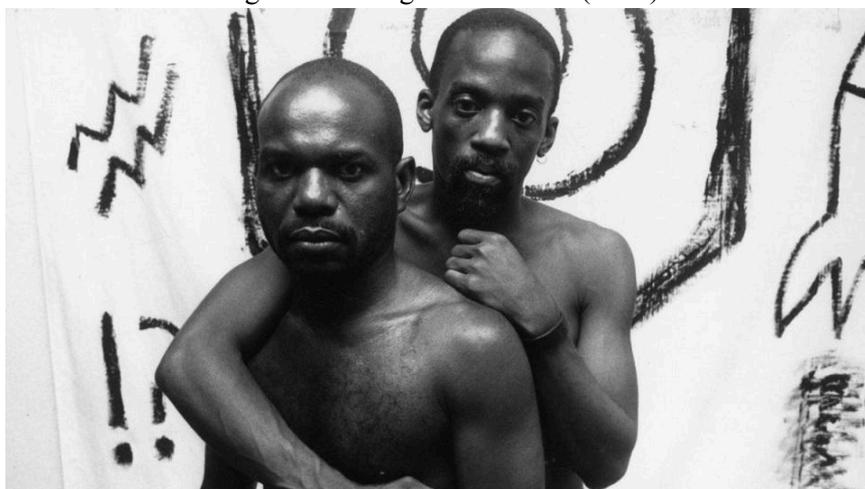
4. DOCUMENTÁRIO PERFORMÁTICO

O documentário performático é o sexto e último modo de representação descrito por Bill Nichols (2005) ao analisar o gênero documentário. O autor descreve estes modos de representação como subgêneros do documentário, sendo eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. (NICHOLS, 2005, p.135). O documentário performático surge nas décadas de 80 e 90, como uma estética narrativa utilizada especialmente por grupos que desenvolveram um forte senso de comunidade, como resultado de uma política de identidade que afirmava a relativa autonomia e a característica social distintiva de grupos marginalizados. (NICHOLS, 2005 p.37). Ele provoca o espectador a pensar questões sociais que atravessam esses grupos a partir de uma perspectiva emocional e imagética que desloca o diretor para o centro da narrativa:

Um tom autobiográfico compõem esses filmes, que têm semelhança com a forma de diário do modo participativo. Os filmes performáticos dão ainda mais ênfase às características subjetivas da experiência e da memória, que se afastam do relato objetivo. (NICHOLS, 2005, p.170)

Para ilustrar a retirada do documentarista de um lugar de suposta passividade diante dos fatos que registra, e seu deslocamento para o centro da trama, Nichols cita obras como *Línguas desatadas* (1989) de Marlon Riggs, *O corpo belo* (1991) de Ngozi Onwurah, *Homenagem a Bontoc* (1995) de Marlon Fuentes. Filmes que retratam a realidade de personagens pertencentes a comunidades marginalizadas como pessoas negras e LGBTs, de modo a fazer com que essas pessoas não só se sintam representadas em tela, mas que também percebam que é uma produção feita não por alguém externo a sua realidade, mas que a vivência.

Figura 01 - Línguas desatadas (1989)



Fonte: Print de imagem disponível no Google

Figura 02 - Homenagem a Bontoc (1995)



Fonte: Print de imagem disponível no Google

Esse subgênero se aproxima do subgênero poético, podendo talvez ser percebido como uma evolução narrativa do primeiro, por suscitar questões sobre o que é conhecimento.

O que se pode considerar como entendimento ou compreensão de mundo? (NICHOLS, 2005 p.169). Há em ambos os subgêneros uma tentativa de representação da realidade que não se atém apenas a objetividade racional, mas que adentra no campo da subjetividade:

Esses filmes nos envolvem menos com ordens ou imperativos retóricos do que com uma sensação relacionada com sua nítida sensibilidade. Há representação do mundo histórico, mas fazemos isso de maneira indireta, por intermédio da carga afetiva aplicada ao filme e que o cineasta procura tornar nossa. (NICHOLS, 2005 p.171)

A partir da definição de Nichols para o documentário performático, compreendo que esse subgênero documental seria a melhor escolha para produção do trabalho de conclusão de curso sobre o qual discorro neste memorial. Para pensar uma questão que considero tão subjetiva como a memória, vinculada ao território e ao patrimônio ambiental, acredito que o subgênero é um exercício de mergulho na minha própria relação com as questões aqui pontuadas e o audiovisual. É também uma tentativa de sensibilizar o espectador sobre a crise ambiental e o impacto do nosso corpo no mundo ao longo do tempo, que se assemelha à memória no seu ritmo pouco linear.

[...] o tempo, em sua dinâmica espiralada, só pode ser concebido pelo espaço ou na espacialidade do hiato que o corpo em voltejos ocupa. Tempo e espaço tornam-se, pois, imagens mutuamente espelhadas. (MARTINS, 2002, p. 86-87)

Procuro neste trabalho, enquanto linguagem audiovisual, trabalhar o documentário performático com nuances poéticas, a partir da perspectiva apresentada por Leda Maria Martins (2002) de tempo espiralar. Assim, busco registrar os atravessamentos do tempo e do ambiente no meu próprio corpo ampliado (na história da minha família).

5. A ÁGUA DOCE, A SALGADA E EU

Eu tenho pensado sobre a água de uma perspectiva ambiental e patrimonial há algum tempo. O primeiro trabalho que escrevi sobre isso foi o projeto “*Acúmulos, o impacto do lixo nos oceanos: Uma reflexão sobre tempo, midiatização e meio ambiente.*” que foi contemplado no edital de extensão artística (PibiexA 2019) da Pró-reitoria de extensão (Proext) UFBA, sob orientação do professor Marcos de Oliveira Carvalho. Na escrita do projeto, junto aos colegas que a executaram comigo, incluí minhas angústias e questionamentos sobre a nossa relação predatória com o meio ambiente, e as consequências

disso para as próximas gerações. Em 2020 escrevi o projeto *Duas águas e o Tempo*, um fotolivro que reuniria fotografias do rio São Francisco tiradas nos mesmos lugares por mim e por meu avô, em momentos temporais diferentes. Através das imagens eu buscava compreender as transformações sofridas pelo rio e pela comunidade nos últimos quarenta anos. O projeto foi premiado e publicado em formato de e-book em 2021⁵, através do Prêmio das Artes Jorge Portugal, na categoria artes visuais, da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funcab).

Ainda nesse caminho de pensar o patrimônio ambiental e a relação da humanidade com a natureza, escrevi o projeto *Queimadas*, premiado no Prêmio das Artes Jorge Portugal, na categoria audiovisual, que possibilitou a escrita do roteiro de uma série animada sobre a degradação dos biomas brasileiros, direcionada ao público infantil. E o projeto *Revisitando Javé*, premiado pelo prêmio Cultura Na Palma da Mão, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, uma intervenção audiovisual em comunidade ribeirinha, na qual os próprios moradores refletiam sobre o patrimônio local, a sua relação com o território e a erosão provocada pelo rio.

Ao trabalhar nos referidos projetos, busquei realizar o movimento de pensar o passado e o presente a partir da nossa relação com a natureza, e comecei a tentar significar o vínculo da nossa memória afetiva com o patrimônio ambiental. Para pensar essa conexão entre passado, presente e futuro na construção das nossas memórias, e no modo como elas nos afetam e interferem no ambiente, optei como caminho de embasamento a já citada noção de tempo não linear, em Martins (2002).

Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. (MARTINS, 2002, p. 84)

Para desenvolver um produto audiovisual que representasse esse movimento da memória, que se acumula na nossa epiderme e no nosso inconsciente ao longo das gerações, pareceu-me coerente associar esse conceito ao documentário performático, que contempla o que é dito por Martins sobre Roach:

Buscando estudar as correlações entre performance e memória, Roach toma de empréstimo em Foucault a noção de genealogia, de modo a pensar as genealogias da performance e, nesse âmbito, evidenciar as relações entre saber, corpo, memória e história. (MARTINS, 2002, p. 71)

⁵ Link de acesso para download do e-book: <https://casacandeeirodoeste.files.wordpress.com/2021/04/ebook-duas-aguas-e-o-tempo-.pdf>

Assim parto para a construção dessa narrativa da minha experiência profissional como produtora audiovisual, e da minha vivência com o oceano e o rio São Francisco, e as memórias deixadas por eles na minha história. Busco a partir disso estimular a reflexão sobre patrimônio ambiental, através do pessoal, de forma que faça dele nosso ponto de entrada para o político. (NICHOLS, 2005 p.176). Utilizo a memória familiar, que é uma memória ancestral (Krenak, 2019), para propor um deslocamento da nossa posição descolada da natureza, me colocando como parte dela. Descolonizando nossos corpos dessa dissociação, nos é permitido lançar um olhar transformador sobre o patrimônio ambiental.

Daí também nosso compromisso com a investigação em busca de caminhos transformadores e decoloniais por meio do patrimônio, capaz de construir pontes entre mundos, que (re)ligam histórias partidas, memórias silenciadas ou renegadas no presente. (CHUVA, 2017, p.32)

É preciso reavivar memórias, por vezes adormecidas, que nos conectam à natureza e nos relembram não só do nosso poder de interferência sobre ela, mas também do poder dela sobre as nossas vidas. Dentre os inúmeros elementos que compõem a biosfera do planeta, a água é o que toca mais fundo nas minhas memórias. Tanto as boas quanto as ruins. Considero a minha relação com a água doce e salgada crucial para a formação da minha identidade, e por isso relato minha experiência com o meio ambiente a partir delas. Como coloca Arruda (2006), o patrimônio ambiental também é constitutivo de quem somos:

Essas questões, por fim, relacionam-se com a formação do nosso eu, da nossa identidade, pois somos o que somos por vivermos e termos vivido em determinado espaço, e sabemos o que somos, ou melhor, representamos o que somos ao relatar nossas “experiências e intenções” vividas nestes espaços e nestas paisagens. (ARRUDA, 2006, p.12)

Acredito que dentre os muitos caminhos na roda do tempo que influenciaram minhas escolhas acadêmicas e profissionais, a minha relação com o território, as memórias e o meio ambiente são uma constante, junto com o audiovisual. Todos esses elementos me atravessam e fazem parte do meu eu, da minha identidade. Por considerar pontos importantes para refletirmos coletivamente, em especial a questão ambiental, optei por reuni-los neste trabalho de conclusão, tentando reproduzir em imagem o movimento de ir e vir, por vezes imprevisível que eles produzem na minha mente. Como o fluxo da maré.

6. PRODUTO FINAL

Até onde me lembro eu sempre me encantei com as imagens, as estáticas, as móveis e aquelas que se formam na nossa cabeça quando a gente sonha. Esse fascínio me fez descobrir a fotografia e o cinema e também a psicanálise. Durante a primeira graduação no Bacharelado Interdisciplinar em Artes, eu estava gestante e uma amiga me convidou para ir ao cinema assistir ao documentário *Elena* de Petra Costa. É possível que tenham sido os hormônios da gravidez, mas eu me senti profundamente emocionada com as escolhas estéticas e narrativas da diretora para tratar de uma temática tão delicada. Esse dia se tornou uma lembrança bonita de um momento de muitas revoluções que incluíam a aproximação da maternidade e as descobertas do mundo universitário no qual acabara de ingressar.

Figura 03 - Cena do documentário *Elena*, 2012.



Fonte: Print do Trailer de *Elena*, disponível no YouTube

Na universidade eu comecei a me interessar por pesquisas relacionadas à memória e identidade na cultura e no audiovisual, mas relutei durante muito tempo em trabalhar com as minhas próprias memórias. Foi durante o mestrado em Cultura e Sociedade que comecei a trabalhar com as memórias da minha família e da cidade onde ela tem relativo protagonismo na salvaguarda da memória cultural.

Nesse processo de investigação sobre a minha família, eu percebi que havia algo que conectava todos os caminhos percorridos por eles no seu trânsito pelo país: a água. Tudo passava pelo mar ou pelo rio, e as águas sempre tiveram muito poder sobre mim, seja pelo trauma de ter quase morrido afogada aos seis anos na praia de Santos, ou pela profunda conexão e amor que sinto pelo rio São Francisco, que passa atrás da minha casa em Sítio do Mato. Esse aglomerado de memórias não lineares sobre o tempo, minha família, eu e a água, me conduziram até o conceito de tempo espiralar discutido por Leda Maria Martins, e sobre como o tempo e as memórias atravessam nosso corpo não apenas quando rememoramos

histórias, ou nas profundezas do inconsciente, mas também quando eu sinto o ar faltar nos pulmões toda vez que tiro os pés do chão dentro da água, por que a memória do trauma também tem lugar ali no peito.

No processo de concepção do presente trabalho, eu inicialmente optei por seguir um caminho não tão pessoal para pensar as questões que me inquietam. A ideia inicial era utilizar o trabalho *Revisitando Javé*, realizado com a comunidade de Gameleira da Lapa, distrito de Sítio do Mato, no qual a própria comunidade busca refletir, da perspectiva do patrimônio, sobre as semelhanças entre ficção e realidade presentes em Gameleira e no filme *Narradores de Javé*, gravado na comunidade a mais de vinte anos. Atualmente se repete em Gameleira um movimento de luta pela preservação do que é considerado patrimônio pelos moradores, especialmente a igreja de Santo Antônio, que foi um cenário de destaque no longa metragem, e que está desmoronando.

Figura 04 - Igreja de Santo Antônio na cena final de *Narradores de Javé*, 2003



Fonte: Pint de imagem disponível no Google

Porém ao longo do processo de pesquisa, e a partir das provocações e contribuições trazidas pelo meu orientador durante a construção desse trabalho, alinhados a pesquisa para a dissertação que fazia em paralelo, acabei direcionando o trabalho para um novo caminho que resultou no produto apresentado.

Para construção do documentário⁶ eu comecei inicialmente a vasculhar meu acervo pessoal de imagens, fotografias e vídeos, feitos por mim, por amigos, e pela minha família. Eu estava nesse ponto determinada a pensar as minhas memórias afetivas com o rio São

⁶ Link para o documentário Eu que não sei nadar: <https://youtu.be/d-y-k3iBCJ0?si=LprNnzq23X1BvNv2> acesso em 17/01/2024

Francisco, e através delas refletir sobre ele enquanto patrimônio ambiental. Me interessa pessoalmente as conexões entre memória e patrimônio e a nossa relação com o não humano, como equilibramos (ou não) essa balança com a natureza.

Porém, quando comecei a escrever os textos que iriam para o off do documentário, percebi que precisava falar de alguma forma do mar, porque ele também é uma constante nas minhas memórias vinculadas à memória da minha família. Então procurei nos meus arquivos fotografias e vídeos de Santos, São Vicente, que é o mar da minha infância. Resolvi também inserir algumas imagens da Baía de Todos os Santos, em Salvador, onde meu filho nasceu, e da praia de Canoa Quebrada no Ceará, onde ele tomou o seu primeiro banho de mar. O documentário também tem imagens do meu filho aprendendo a nadar no rio São Francisco, do quintal da nossa casa em Sítio do Mato, imagens dos meus avós. fotografias, quadros, sons. Todas as memórias vêm da água e voltam para ela.

6.1 ESCOLHAS NARRATIVAS

A principal inspiração externa para a construção desse trabalho é o documentário *Elena* de Petra Costa. A segunda inspiração vem do videoclipe de Luedji Luna *Notícias de Salvador*⁷, e surge a partir da escolha de utilizar vídeos na vertical, gravados com o celular, na montagem do documentário. Inicialmente só entraria na montagem vídeos horizontais, porém notando a necessidade de acrescentar mais imagens de composição, e a indisponibilidade de fazer novas gravações, resolvi incluir também as imagens verticais, gravadas com o celular em diversos momentos, principalmente para publicação em redes sociais.

Figura 05 - Cena do videoclipe Notícias de Salvador de Luedji Luna, 2018.

⁷ Link do videoclipe Notícias de Salvador de Luedji Luna <https://youtu.be/agZoVVuokMw?si=S-OtcLwrAnrGMnfq> acesso em 11/11/2023



Fonte: Print do vídeo disponível no YouTube

Tanto o clipe de Luedji quanto o documentário de Petra tratam de memória, ancestralidade, família, tempo e conexão. E utilizam imagens de arquivo pessoal das artistas, intercalados com outras imagens pensadas e encenadas especificamente para o produto audiovisual proposto por elas. Em *Elena* de uma perspectiva mais linear, cronológica, e em *Notícias de Salvador* por uma perspectiva mais espiralar e não linear. Ambas dialogam com o meu processo de pesquisa, que é trilhado a partir da cartografia, e é carregada de imagens atravessadas por memórias familiares e afetivas.

Apesar de embasar meu pensamento no conceito de tempo espiralar de Leda Martins, acabei escrevendo o texto off, e consequentemente o documentário, por um caminho muito linear. Ao perceber esse detalhe, em diálogo com meu orientador, busquei modificar o texto de modo a deixá-lo mais espiralar. Porém confesso que talvez não tenha atingido o resultado mais satisfatório nesse caso. Isso demonstra, a meu ver, o quanto ainda estou presa a um modelo cronológico de narrativa, mesmo buscando trabalhar com as voltas do tempo já a algum tempo. Não acho contudo que isso invalide o exercício proposto a partir do documentário, que é um movimento das voltas que tenho dado no meu processo enquanto pesquisadora e realizadora audiovisual.

Todo o documentário foi montado a partir de imagens de arquivo pessoal, a maioria gravadas por mim ao longo dos últimos anos. Algumas são lembranças de dias felizes e bonitos, outras estão carregadas de tristeza e solidão. Muitas contêm saudades. Acho interessante pensar que apesar de ter escolhido e organizado essas imagens, acompanhadas de uma narrativa, elas também contam outras histórias, que nem sempre serão notadas pelo espectador, mas que podem suscitar nele outras narrativas, baseadas nas suas próprias memórias.

As imagens que captei foram gravadas e fotografadas com celular e com uma câmera Canon T3i. Elas buscam representar a minha visão sobre as questões e paisagens discutidas neste trabalho. Como expectadora que observa o trânsito do rio de cima, da varanda de casa, muitas imagens são plongées, retratos de uma observação silenciosa do cotidiano ribeirinho que se desenrola abaixo, e é composto por pescadores, agricultores, crianças e adultos que se divertem na água, e viajantes, que utilizam o rio como meio de transporte.

Figura 06 - Ribeirinhos saindo de barco, vistos de cima, através da tela de proteção da nossa casa.



Fonte: Print do documentário Eu que não sei nadar, 2023.

Além do registro da rotina ribeirinha, o filme também tem em sua composição imagens que retratam o cotidiano da minha família nesse mesmo espaço. Nos integrando como sujeitos desse mesmo território e personagens da narrativa.

Figura 07 - Caetano na descida para o rio na lateral da nossa casa.



Fonte: Print do documentário Eu que não sei nadar, 2023.

As imagens do mar utilizadas no filme foram registradas nas praias do Guarujá e de Santos em São Paulo, de Canoa Quebrada no Ceará, e nas praias da Barra, da Gamboa e da Ribeira em Salvador. Abaixo um frame do documentário, composto por três imagens de praias diferentes, e que foram colocadas no mesmo frame sob um fundo rosado, rodando em ritmos distintos no vídeo, para tentar causar um efeito de não linearidade e ritmo temporal. As imagens na ordem da esquerda para a direita correspondem ao mar da Ribeira, um barco na areia da Barra, e o porto de Santos visto de dentro da balsa que faz a travessia entre as cidades do Guarujá e de Santos.

Figura 08 - Imagem de composição do documentário formada por três vídeos verticais



Fonte: Print do documentário Eu que não sei nadar, 2023.

Outro recurso muito utilizado no documentário foi a animação de fotografias de arquivo da minha família. Além das fotos que eu mesma tirei ao longo dos anos, e que estão presentes no filme, muitas das fotos utilizadas fazem parte do acervo familiar. Algumas delas já haviam sido utilizadas por mim durante a minha pesquisa de mestrado,⁸ especialmente as que retratam a migração da nossa família de São Paulo para a Bahia, a história da Festa do Candeeiro e cenas do nosso cotidiano.

Figura 10 - Minha mãe e eu na década de noventa



Fonte: Print do documentário Eu que não sei nadar, 2023

⁸ Dissertação de mestrado disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37962> Acesso em 16/01/2024

Além de ilustrar a perspectiva que temos do rio São Francisco visto do alto, também busquei compor as cenas com imagens do ângulo contrário, em contra plongée, com a casa vista do rio, e também com planos que mostram um planos médios e gerais gravados no rio.

Figura 11 - Nossa casa vista do rio São Francisco



Fonte: Print do documentário Eu que não sei Nadar, 2023.

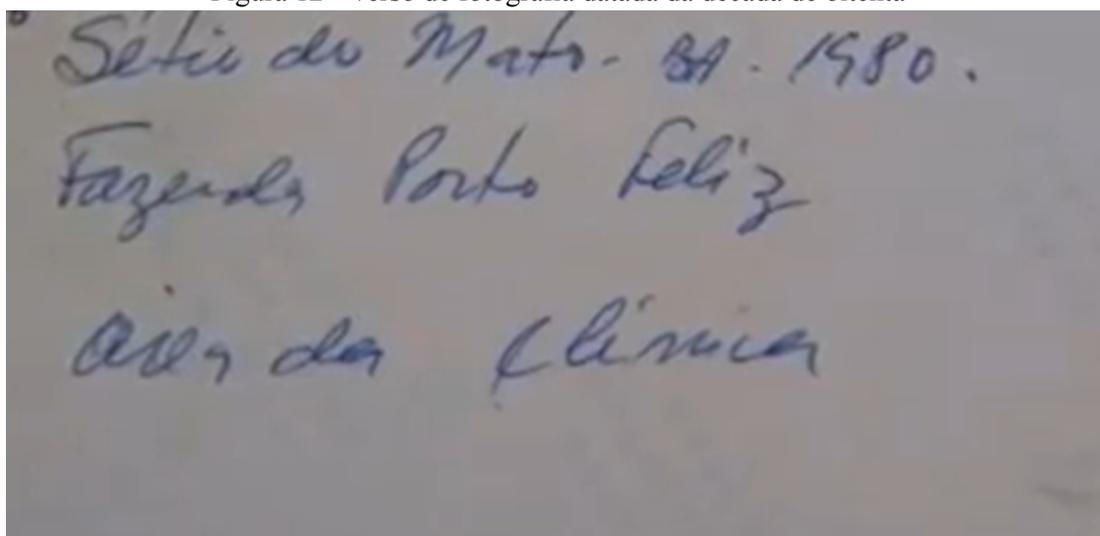
Figura 13- Caetano sentado em uma embarcação ancorada no rio.



Fonte: Print do documentário Eu que não sei nadar, 2023.

Por último também inseri o verso de fotografias contendo anotações feitas por meu avô, que sempre escrevia local e data para identificar as fotos. E registros em vídeo que fiz das fotografias antigas da nossa família dispostas na parede de casa. Um referencial identitário muito forte nas casas do interior da Bahia, onde ainda podem ser encontradas fotografias que se assemelham a pinturas, penduradas nas paredes das casas, principalmente de pessoas idosas.

Figura 12 - Verso de fotografia datada da década de oitenta



Fonte: Print do documentário Eu que não sei nadar, 2023

Figura 14 - Fotografias da minha família distribuídas na parede da casa.



Fonte: Print do documentário Eu que não sei nadar, 2023

A escolha pelo texto off narrado por mim, sem entrevistas, foi uma maneira de tentar desenhar as voltas do tempo na minha própria memória. Esse filme é sobre a minha relação afetiva com o rio São Francisco e com o mar. São afetos diferentes, o primeiro me faz sentir segurança e aconchego, enquanto o segundo me causa deslumbre e medo. Pelo sentido de casa que eu atribuo ao São Francisco, ele é o protagonista dessa história, que eu narro, pois é a minha perspectiva sobre a nossa relação e tudo que a atravessa. Além da narração o áudio de alguns vídeos de composição foram mantidos, pois dialogam com a narrativa. Foi acrescentado também trechos de música instrumental, que ajudam a compor a atmosfera do filme, e uma paisagem sonora composta por sons da natureza captados por Ricardo Araujo nas margens do rio Colônia no sul da Bahia.

3.2 PLANO DE PRODUÇÃO

Inicialmente foi prevista a produção do documentário com a utilização de imagens de arquivo, e com filmagens extras para compor o filme. Esse planejamento se deu devido a percepção da equipe de que não haveria material de arquivo suficiente para a montagem do filme. Criou-se então um cronograma que previa a seleção das imagens já existentes, vídeos e fotos, que seriam utilizadas no documentário, e um calendário de gravações de novas imagens em Salvador e Sítio do Mato. Além disso, havia também a previsão de defesa do trabalho no primeiro semestre de 2023. Para cumprir o planejamento inicial criei o cronograma abaixo, que acabou não sendo cumprido à risca devido às mudanças de percurso no desenvolvimento deste trabalho.

CRONOGRAMA INICIAL

Atividade	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
	2022				2023					
Escrita do roteiro - OFF	X	X								
Seleção de imagens de arquivo				X						
Organização			X							

da equipe de produção										
Filmagem			X	X	X					
Decupagem do material					X	X				
Edição							X			
Finalização								X		
Elaboração do memorial						X	X	X	X	X
Entrega do Trabalho										X

A escrita do memorial e do texto off, e a seleção das imagens de arquivo foram as etapas cumpridas ao longo do semestre de 2023.1. Ainda assim, essas etapas foram revisadas e concluídas em 2023.2. A previsão inicial de defesa do trabalho no primeiro semestre de 2023 precisou ser adiada, pois eu tinha dois trabalhos para defender no mesmo período, e optei por me dedicar à conclusão e defesa da dissertação de mestrado, ficando o trabalho de conclusão do curso de comunicação para o semestre seguinte.

Retomei portanto a esse trabalho depois de um período de hiato em setembro de 2023, com algumas perspectivas novas sobre ele. Já havia entendido que não teria tempo hábil para fazer novas gravações, então fiz uma nova curadoria de imagens de arquivo, desta vez incluindo os vídeos na vertical, que não estavam presentes na seleção inicial.

Já havia conversado com Ricardo Araujo e Roberta Mutti, amigos e parceiros de trabalho de longa data, sobre eles editarem o documentário, pois não sou hábil com edição. Roberta fez o processo inicial de montagem que foi reestruturado e finalizado por Ricardo. Acho necessário pontuar que interferiram no processo de conclusão do documentário e do texto memorial inúmeras atividades que aconteceram simultaneamente a esse trabalho: a abertura dos editais a lei Paulo Gustavo Bahia, as entregas da pesquisa de mestrado de Ricardo e a escrita dos projetos de doutorado de ambos, meu e dele. Além da minha necessidade e de Roberta de trabalharmos, às vezes em mais de um emprego. O texto off escrito utilizado no documentário possui algumas diferenças do texto que aparece no vídeo.

Especialmente o último minuto não era para ser o que está. Foi difícil fazer o fechamento do filme, eu não fiquei satisfeita com o resultado, e em diálogo com meu orientador compreendi que o documentário deveria encerrar ainda focado na minha relação com o rio, e não na minha preocupação com o seu desaparecimento. Eu cheguei a escrever outro final, que gosto mais, e que segue no texto off constante nos apêndices do trabalho. Porém não foi possível fazer a troca a tempo da defesa, pois eu estava viajando a trabalho em Belém do Pará, e não consegui fazer uma boa gravação do novo texto. Considerando também o tempo de escrita de Ricardo da sua dissertação optei por manter o final antigo, e editar depois, para compartilharmos o documentário no canal da Icon Estúdio no YouTube, gerenciado por Ricardo. Diante de todas essas circunstâncias aqui expostas, agradeço novamente a disponibilidade de Ricardo e Roberta por compartilharem seu tempo comigo e com esse trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sempre quis trabalhar com audiovisual. Essa é uma memória muito consolidada na minha mente. Não sei como ou quando isso me ocorreu de fato. Tenho muitas lembranças de como isso se deu, algumas eu gosto mais, outras menos. Normalmente conto as minhas preferidas nas rodas de conversa por aí. Acho que é assim que construímos as narrativas que compartilhamos com o mundo, selecionando entre as nossas lembranças aquelas que por alguma razão fazem mais sentido. O processo de me entender enquanto uma pesquisadora da memória passa por esse vínculo com o audiovisual. A memória é em certa medida um carrossel de imagens, sons, sensações que gira um tanto desordenado dentro e fora da gente. É desse movimento que surgem as ideias para filmes, livros, pinturas e tantas outras produções humanas.

Essa capacidade de materializar o que imaginamos a partir da nossa memória acumulada é um fator que pode ser citado para diferenciar humanos de não humanos. E de fato somos diferentes, mas não como ursos e cavalos são diferentes entre si. Apesar de sermos mamíferos como eles, nós conseguimos ser um pouco mais diferenciados. Acho que o problema da questão reside no fato dessa diferença nos possibilitar criar formas de dominação nada naturais. Não é como dois leões disputando quem é o líder do bando. As

coisas tomam proporções devastadoras para todas as espécies quando se trata de disputas humanas, incluindo a nossa.

Pensar a minha relação pessoal e afetiva com o rio São Francisco a partir das minhas memórias, e tendo como suporte o audiovisual é um caminho que diz muito da minha trajetória pessoal e também acadêmica. Pretendo continuar pesquisando o São Francisco da perspectiva do afeto caso ingresse no doutorado. Eu descobri ao longo dos onze anos que estou na UFBA, entre duas graduações e um mestrado, que sou uma pesquisadora dos afetos.

São as coisas que me afetam no cotidiano, e os mecanismos que criamos para registrá-los que me motivam a pesquisar. Minha família, as causas que acredito, o meio em que vivo e convivo, meus amigos. Todos esses atravessamentos estão presentes de algum modo nesse trabalho e em todos que eu desenvolvi e ainda pretendo desenvolver na minha trajetória acadêmica. Por último, acredito na comunicação como uma ferramenta potente e fundamental para pensarmos como afetamos o mundo. Guerras começam e terminam a partir dela, e tantas outras transformações são possíveis através dos meios de comunicação inúmeros que desenvolvemos ao longo da nossa trajetória coletiva no planeta. Enquanto comunicadora espero conseguir contribuir para a difusão de ideias que contribuam para uma narrativa mais positiva do mundo. Parece utópico, mas acredito ser possível. Foram os bons afetos que me permitiram realizar o documentário que compõe esse trabalho. A partir dos meus afetos familiares, e do acervo de memórias afetivas que acumulei ao longo da vida, mas especialmente através dos afetos que encontrei na universidade, as amizades que fiz durante minha trajetória neste espaço, e que se disponibilizaram voluntariamente a trabalhar no produto desse memorial. Eu não teria realizado o filme sem eles.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gilmar. O chão da nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. In: UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.2, 2006 p. 110 - 116.

BERSNIHAN, Patrick. O comum mais-que-humano: do comum à comunalização. In: Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.11, n.31, fev.-mai.2018 - p. 12-42.

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. editora Contexto, São Paulo, 2021.

CHUVA, Márcia. Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In: DUARTE, A. (ed.), Seminários DEP/FLUP, v.1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020. p. 16-35.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 2ª edição. São Paulo, editora Vértice. 1990.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. 1ª ed. São Paulo, editora Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. 1ª ed. São Paulo, editora Companhia das Letras, 2022.

MARTINS, Leda. Performances do Tempo Espiral. In: Performance, exílio fronteiras: errâncias territoriais e textuais. RAVETTI, Graciela e ARBEX, Márcia (Orgs.) Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras - UFMG, Belo Horizonte. 2002, p. 69- 92.

MARTINS, Leda. Performances do Tempo espiralar: poéticas do corpo - tela. 1ª edição. Rio de Janeiro, Editora Cobogó, 2021.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 2ª edição. São Paulo, Editora Papirus, 2005

SPAREMBERGER, R. F. L. Diferentes, desiguais e desconectados: os direitos humanos nas fronteiras. In: COSTA, L. C., NOGUEIRA, V. M. R., and SILVA, V. R., orgs. A política social na América do Sul: perspectivas e desafios no século XXI [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013, p. 131-155.

APÊNDICES

TEXTO OFF

Eu que não sei nadar. Quem sou eu além das minhas memórias da água?

A nascente do Rio São Francisco é o rio Samburá, localizado no município de Medeiros, no estado de Minas Gerais. É lá que Chico nasce, no sudeste, para depois seguir seu caminho subindo para o nordeste. Assim como eu.

Hoje existem 4 usinas hidrelétricas no rio São Francisco, no seu caminho até a foz. Três Marias, Sobradinho, Luís Gonzaga/Itaparica e Xingó - e o Complexo de Paulo Afonso. A bacia do São Francisco é dividida em quatro pontos também: Alto e médio, submédio e baixo São Francisco. Minha cidade fica no Médio São Francisco, que se estende de Pirapora até Remanso. Ela chama Sítio do Mato, lá não houve alagamento, mas a erosão na margem do rio já levou algumas ruas inteiras.

Tem um filme famoso, brasileiro. Narradores de Javé, foi gravado lá. No filme uma cidade inteira é inundada pelo rio, por conta da hidrelétrica.

A água gelada, o fundo do rio alternando entre argila e areia. Os meninos jogando bola nos bancos de areia que se formam no meio do rio no tempo da seca. A foz do rio Corrente desaguando no São Francisco, criando um degradê de cores com águas dos dois rios, o Corrente é escuro, o São Francisco marrom, quase dourado. As águas se misturando aos poucos, o sol refletido nelas, as crianças brincando e as garças voando. Essa é minha primeira memória do São Francisco.

Quando eu morrer voltarei para buscar os instantes que não vivi junto ao mar (Vinícius de Moraes)

Quando eu tinha nove anos, minha mãe me levou em uma viagem de vinte e seis horas entre São Paulo e a Bahia. Eu tenho muitas memórias do tempo que vivi na estrada, dessa e de outras viagens, mas as minhas memórias preferidas são aquelas preenchidas de água. Quando chegamos ao nosso destino na Bahia eu conheci o rio São Francisco e me apaixonei.

Chico recebeu esse nome por ter sido descoberto no dia dedicado a São Francisco de Assis, religioso italiano, conhecido por ter abdicado de uma vida de riqueza a partir de um voto de pobreza. Francisco passou a viver sozinho na natureza, e por isso é conhecido como o protetor dos animais. Eu gosto de pensar nele como um cara que estabeleceu uma relação respeitosa com o meio em que vivia. Ele sabia que era parte da natureza, e não um corpo descolado no mundo.

Eu nasci em Santo André, uma cidade do ABC paulista, berço do sindicalismo brasileiro.

O meu filho nasceu em Salvador, mas ele tomou o seu primeiro banho de mar aos quatro meses na praia de Canoa Quebrada no Ceará. Ele conheceu o São Francisco com seis meses, tem umas fotos lindas desse dia. Ele sorrindo feliz na água dourada do rio.

“Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.” - Ailton Krenak

Lembro de ouvir minha mãe e minha avó conversando, quando compraram o terreno em que fica a nossa casa, que ele era bom de construir, pois na grande cheia de 1979 o rio não chegou até aqui. Na época da cheia, minha mãe trabalhava na clínica construída pelos missionários presbiterianos, ela era técnica de enfermagem, mas fazia de tudo. Minha mãe virou até parteira. Eu gosto dessa imagem de minha mãe ajudando as pessoas a nascerem na beira do rio, tem muita beleza nisso.

Quando Caetano tinha quatro anos ele queria ser biólogo marinho, para limpar o mar. Ficava pela praia catando o lixo que encontrava, assistia vídeos sobre a crise do plástico nos oceanos. Eu ficava observando esse movimento dele, esse cuidado. E me peguei preocupada também, mais do que antes. Aprendi muitas coisas a partir dessa preocupação de Caetano.

Eu já conhecia o mar, na verdade eu sempre conheci o mar. Nossa família é do litoral de São Paulo, minha avó era de Santos e minha mãe nasceu em São Vicente, a primeira cidade do país, ela adora contar isso. Então com poucos meses de vida eu fui batizada na água do mar. Eu tenho lembranças esparsas da praia do Gonzaga em Santos, de fazer castelos de areia e de ter muito medo das ondas que quebram na praia. Ondas sempre foram um problema para mim. Às vezes eu tenho pesadelos com tsunamis e acordo assustada. Talvez por isso eu não tenha aprendido a nadar.

O São Francisco cruza cinco estados brasileiros: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Ele possui inúmeros afluentes, e abastece diversas áreas que convivem com a seca extrema. Ele também é conhecido como o rio da integração nacional, por seus mais de 2.300 quilômetros de extensão terem servido de caminho para os colonizadores portugueses se

espalharem pelo país, pra explorar nossas riquezas naturais. Como um vírus que se alastra e devasta tudo o que encontra pelo caminho.

Foi na Copa de 94 que eu conheci o rio São Francisco na cidade de Sítio do Mato. Era julho, época de seca no cerrado. Ali no oeste da Bahia os biomas se dividem em cerrado e caatinga, e eu percebo na minha cidade um pouco dos dois. Eu lembro de estranhar o tipo de quentura e secura do tempo, diferentes de São Paulo, e de achar bonito a cor da terra, um marrom muito característico dessa região, e também da sensação de entrar no rio pela primeira vez.

Quando a pandemia começou eu estava em Salvador com Caetano. Ficamos cerca de um mês na capital, até eu conseguir uma carona para casa. Passamos dois anos morando em Sítio do Mato. O tempo da pandemia era diferente lá. Acho que foi um grande privilégio ficar esse tempo na beira do rio, no interior. Tinha quintal, gato, cachorro, terra, árvores e plantas. Nós podíamos olhar as estrelas e ver a lua cheia nascer no horizonte, sob o São Francisco. Ela nasce laranja, enorme, quase dá pra confundir com o Sol. Eu queria ter uma lente teleobjetiva pra poder capturar essa lua que eu só consigo ver lá. Caetano passou muitas tardes nadando no rio, correndo com a cachorra, e recolhendo lixo da margem. Ele aprendeu a nadar nesse tempo, sozinho, um tempo em que ele vivia imerso na natureza. Mergulhado nas águas.

No dia 04 de outubro de 2022 a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco soltou 20 mil pias, peixe natural do rio, nas águas do São Francisco. A ação aconteceu em Petrolina, Pernambuco, para comemorar os 521 anos do descobrimento do Velho Chico. Segundo os noticiários a ação foi uma maneira de celebrar e preservar o maior patrimônio natural do Vale do São Francisco: o rio, que é símbolo da região Nordeste do país, e representa prosperidade para as populações ribeirinhas.

(Eu vou voltar para você rio, para lavar a minha alma de novo) - Ibeyi

Em 2023 a avó de uma grande amiga faleceu, quase centenária. Ela era ribeirinha, e migrou para São Paulo nova, nunca mais voltou. Na velhice às vezes ela se queixava de saudades do rio, e minha amiga me pedia para gravar vídeos pra mostrar pra ela. Era um jeito de matar a saudade.

Minha avó morreu em 2017. Eu fiz um curta sobre ela alguns meses antes, pra uma matéria da faculdade. Foi assim que eu conheci Ricardo, que editou esse filme pra mim. A gente ficou amigo ali, fazendo esse documentário curtinho. Começamos a trabalhar juntos, nunca mais nos separamos. Já fazem seis anos. De lá pra cá realizamos muitas coisas juntos.

Na minha cidade tem uma festa chamada Festa do Candeeiro. Ela foi uma festa muito importante, durante muito tempo pra memória da cidade. Foi meu avô que criou. Durante a festa as pessoas soltavam candeeiros acesos no rio São Francisco, e a marujada acompanhava os candeeiros até eles pararem em uma das margens para recolher. Eu lembro das luzes iluminando o rio. É uma memória bonita, ou talvez seja só uma lembrança que eu criei.

Fomos durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso [...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Ailton Krenak

Eu sabia que minha avó ia morrer, então resolvi gravar o curta. Meu avô faleceu um ano antes sem que eu fizesse algo parecido. Eles costumavam sentar juntos na varanda à tarde, tomando café quente no calor do oeste baiano, e olhando o trânsito dos barcos que atravessam o São Francisco. Alguns barqueiros acenavam para eles e eles respondiam. Eles sabiam de tudo da vida das pessoas que atravessam o rio. Depois que eles morreram, a casa deles passou a ser a minha casa. Ela sempre foi, porque eu sempre vivi com eles. Mas agora só tinha eu lá. Eu e meu filho.

Mesmo com todas essas construções, levantadas por nós, de pedra e tijolo, o meu maior sentimento de pertença, sentimento de estar em casa é quando eu tô no Velho Chico. É como se ele fosse um pedaço de mim. Assim como os meus avós, minha mãe, meu filho. Eu me emociono quando eu tô perto dele, quando eu falo nele, quando a memória dele se manifesta em mim. Eu tenho medo dele morrer também, como os meus avós. Eu sei que os rios estão aí a muito tempo, e eu espero que eles permaneçam mesmo quando eu não estiver mais aqui. Eu espero que eles permaneçam quando nada mais estiver aqui.

Chico é um dos meus melhores amigos, é pra onde eu volto quando me perco nas estradas da vida. Pra me reencontrar. Eu sinto que o São Francisco cuida de mim, do jeito dele. E eu tento

fazer o mesmo por ele do meu jeito. Esse filme é uma forma de cuidado, de demonstrar todo o afeto que eu sinto por ele, e que eu sei que ele sente por mim. Desce uma lágrima salgada dos meus olhos enquanto eu escrevo essa declaração de amor para Francisco. Meu amigo, minha casa e minha família.